

DE MÃOS DADAS

Livro 14

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



A DELICADEZA

O amor, como a delicadeza, causa estranheza aos desacostumados. A delicadeza conta com o entusiasmo, usa-o como promotora da união. Ela é capaz de expulsar as desistências, produzir esperanças agudas e penetrantes. Apenas com um punhado de estímulos, preenche o vazio da solidão.



EMPENHO

Não me resignarei em viver de fugidias alegrias. Pouco a pouco instalo uma nova sensibilidade que me deixa pronto para ser parte do mundo, viver aquilo que todos vivem, Aceito-me comum ao acabar com a arrogância que faz crer que a minha dor é a mais profunda e minha decepção a maior. Deixando de lado a minha estreita opinião, vejo que a visão do mundo é bem mais construída do que tudo o que acredito. Ao buscar as pequenas histórias que me construíram, as encontro um tanto diferentes.

O VIVER

De esperanças me mantenho. Mantenho a crença, alguma lealdade e a convicção. Embora meça as palavras, procuro dizer o que acho que devo, manifestando que cansei dos movimentos que andam sem avançar. Tento não permanecer na mesma posição. Encanta-me a versatilidade da natureza que varia cores, movimentos, sem adular nada.



QUANDO

Torno-me benévolo quando o mel me é despejado na carne e no osso, quando a paz que quase nunca tenho entra em mim como o ar de que necessito. Torno-me benévolo quando original posso ser, sendo quem sou; quando despeço-me dos personagens que fui e que não me representam, e me dou novos direitos às relações com as pessoas; quando as tolero e sou tolerado, quando estendo o reconhecimento e dispenso o troco; quando

reparto o patrimônio, quando aceito de segunda mão como se fosse de primeira; quando, entre extensos discursos, faço silêncio ou pouco digo. Que a palavra que sintetize, seja a mais valiosa.



TRAGO COMIGO

Trago comigo uma coleção de lembranças guardadas a sete chaves. Sonhos que frequentei, lugares que já não existem, acabadas alegrias outrora correspondidas.

UM ATALHO

Pus-me em uma situação difícil no momento de encontrar aquela mulher venerada. Por que tirar-me todos os ânimos frente à necessidade de apresentar-me livre com meus desejos quando pensava declarar amor? Vagas curiosidades ficaram sem resposta. Acabei como um homem banal querendo ser singular para introduzir uma sinceridade que, vulgar, se espalha.



À BEIRA DO PASSADO

Salvo um quê de suavidade, alguns restos de violência, não sei onde descansar a aflição, a dor emudecida, o esgotamento, o abandono, as saudades. Desfeitas as urgências, sempre me perco na calma, onde exalo a inutilidade. Revelo-me incapaz de enviar convites e condolências.

NADA A DECLARAR

Nada a declarar quando me estiro a dormir sem sonhos. Fico com o riso magoado dos humilhados, e, embora disfarce, sou conduzido ao campo solitário de um ninho que já não me abriga. Fica entendido que não consigo esquecer as ofensas inoportunas, que me apanham desprevenido apunhalando-me durante o abraço.



DENTRO DO PEITO

Gastei minhas procuras, vi vidas que a morte fria levou. Sem apontar o futuro, o rosto feiticeiro da morte esquiva-se. Reina em mim uma certa desordem misturo tempos, fotos, vivências. Meus sonhos tem vias que não são minhas.

CONFESSO

Para animar minha inspiração, sonhei que adormecia em um colo deitando a fronte em seios que me impregnaram de encantos. Feito um punhado de glórias, minha alma sedenta habituada, obsessiva, clama por infindáveis repetições. Não consigo reinventar o suave estar que me fez viver os mistérios da vida, que, tão tarde aprendidos, povoam-me. Era tudo o que eu podia enquanto a saudade reinava. Em meus devaneios, me foi emprestada uma paz que guardou o meu descanso. Despertei sem medo.



POR INTEIRA

Sou inundado pelo desejo dessas imagens que despem minha amada à noite e trazem-na até mim. Encontram-me querendo-a. Então, mais atrevido, incluo-a em todos os meus sonhos, ocupando todo o repertório de invenções. Torno-me íntimo como suas entranhas, habito-a de tal forma, que, como seu sangue, alimento-a, em silêncio, percorrendo-a por inteira.

A DOR NUNCA VENCIDA

Na minha dor, desafogo uma sombra que me fere. A vida pálida, vaga nas lágrimas, nos soluços. Grande o drama que permanece fustigando minha frágil paz. Quantas vezes chorei, nem eu sei quantas! Por fim, me propus um armistício, como antigamente troquei o susto pela esperança. Na contramão da dor que se avoluma, me surpreendo com o que vejo neste mundo. Geme dentro de mim um remorso por haver deixado de sonhar e por não lembrar mais da alegria que me acompanhava.



INCENTIVO

Atrevo a seguir, oscilando entre o que fui e o que sou. Faço uso alternativo da inocência que desarma. Utilizo tratos funcionais, orientados para não alimentar ódios, tento ser melhor pessoa, nem sempre alcanço. Derramo meus sentimentos fora de hora, com quem

não sabe o quanto os prezo, espero reconhecimento dos mais íntimos sem que eles se interessem pela minha carência. Decepcionado, procuro o amor onde ele não está. Convivo com uma resistência sistemática. Em um mundo que valoriza o trágico, tento recuperar o valor do encontro. Poucos se regozijam com êxitos, aventuras felizes. Transito entre sozinhos, anônimos em busca de suporte, buscando alguém que esclareça a dúvida e acalme o medo.



OUTROS SENTIMENTOS

Nomeio aqueles gestos mais simples que dão asas aos anjos para chegar a cada novo desembarque, a cada nova etapa, aceitando retomar as negociações com o tempo perdido e as convicções esquecidas.

FUGAZ PRUDÊNCIA

Uma fugaz prudência me reservou um triunfo: o de haver economizado sofrimentos inúteis. Predisposto a introduzir novas perspectivas, usei todo o montante de paciência para despertar o testemunho de todos os que me veem construído, alimentado, obstinado, buscando amores que valham a pena, dedicações que valham a pena, esperanças sem risco de perda.



APUROS

Prolongo a vida enquanto posso. Enquanto possa viver no tempo justo, espero ver a minha gente caminhar com o mérito devido e reconhecido, os valores como personagens principais, intactos, vivos e autorizados a permanecer imunes à fome e a outras desgraças.

VIDA

Vida, tenha-me uma gentil consideração, ainda que seja somente a última; faça-me a oferta do sossego. Então não precisarei render-me, e tentarei a captura do perdão, descobrirei uma forma de repartir sonhos e conceder generoso tempo ao devaneio. Preciso ter alguma luz para não estranhar o reencontro com a alegria.



OLHARES CONFIRMATÓRIOS

Uma agradável e única inspiração me faz tão simplesmente disposto à partilha que me encanta. Emancipo e doo todos os amores indisponíveis porque deles só restam os vestígios do que fui. Nessa doação, tento recuperar-me, recriando novos interesses, novidades. Persistem em mim várias pretensões, algumas inconfessas; das que posso nomear: tento iluminar alguma escuridão, matar alguma fome, promover alegrias, contar histórias com finais felizes, pedir alguns perdões e agradecer aos que me emprestam seus olhares confirmatórios.

AINDA ME ESCONDO

Uma dor hostil chega, dizendo-me: até quando, por que tardas? Até onde tudo fica como sempre, no nada? Não aguento ver-me tão afligido. Ainda me escondo medroso de tudo o que não sei. Depois de haver tido todas as chances de esquecer, aqui me encontro outra vez recuperando um sentimento aderido a uma memória deixada por aí. Ainda que soubesse ser impossível, viajei no tempo, tive a impressão que me transportava para um dia feliz do meu passado. Depois de assistir-me naquela cena, tentei recuperar um pouco da razão. Como que imitando minha imaginação, sonhava desperto, feliz, já que havia pago todos os pecados muito antes. Senti que sobre aquele momento depositava muitas outras coisas. Impossível reconhecer o lugar; ainda que o lugar fosse o mesmo, o tempo era outro. Acostumado a preencher as coisas ausentes, forcei um cuidado insuficiente, alimentando uma melancolia que faz anos não se move do lugar. Imagino meus dias, conheço todos meus inventos, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino como um maestro. Tento devolver-me a um sentimento

primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida até seu momento final.

Pretensioso fui ao pensar em congelar o passado como eterno; não considerei que as lembranças são antigas e a memória esquece.



TORMENTOS

Um longo aprendizado se fez necessário até que eu estivesse suficientemente consciente dos meus limites. Quando me encontrei em vias de chegar a competir, inclui e admiti o possível triunfo dos outros. Livrei-me das assistências contaminadas. Tive a pior das impotências: assistir à vitória alheia. As contradições expuseram-me ao dano das competições.

O PESADO INCÔMODO

Não tenho dúvidas de que as concessões não alcançam lograr mais que pacificar um pouco. O pesado incômodo inquieta e permanece, invade a espera. Não busquei a paz no único lugar onde havia estado: dentro de mim.



NA ESPERA

Fico na espera. Logo chegará, antes que seja tarde, uma novidade que ninguém sabe que vai acontecer. Virá pelo resultado, pela atração. Virá para adoçar as penas, aquecer a desatenção, acolher motivações até encontrar um outro similar que lhe faça sentido.

UM HÁBITO QUE ME HABITA

Um hábito, me diz que a vida é rica para alguns e pobre para muitos. Pensar em discordância, somente se a aptidão de negar for posta em uso.

Como a vida torna necessário acordar no dia seguinte, hostilizo a paz que por cansaço me adormece.



PERGUNTO

Lanço um novo olhar sobre a natureza, busco algum sinal de coesão que me faça retornar a um tempo de harmonia. Caí numa vastidão desorganizada, mas não fui somente caos, tentei coordenar minha trajetória. Passei por testes que ditaram muitas procuras, refutei o que pude, reabrindo a questão das pista falsas plantadas pelas evidências e das suas contradições.

JOGOS DE AZAR

Em um tempo, sonhava com estados de espírito, personagens, disfarces. Enamorado da vida, sentia fundo, imaginava-me inventando o original, combinando a essência e o adorno. Pensava ter todo o tempo, podendo sonhar todos os sonhos num jogo combinado com o acaso. Fui inventor dos jogos de azar.



DONO DO UNIVERSO

Sonho, sem saber o motivo, preciosas e mágicas imagens. Imagino tardios reencontros, possibilito o impossível, inauguro-me audaz, corajoso, restaurador. São sonhos marítimos, aeronáuticos, fogosos, fugazes, eróticos. Neles, renovo chances, revanches, corrijo e manipulo o tempo.

FEITO CRIANÇA

Chegarei devagar, sob pretexto de transformar este amor que sinto em algo acessível, diário, quase banal, comum, ao alcance. Tomarei tua mão para que se ajuste a ti e a mim, ficarei atrevido, pasmo, encenando personagens para que me penses versátil, criança arteira inventando figuras que te façam rir, que te acostumem à contemplação admirada onde repousarei minhas procuras.



CONTRA AS URGENCIAS

Sobre a felicidade que me inspiras, adivinho momentos grandiosos, novos sabores, risos que abrem novos caminhos e convidam a jogar para ganhar, inventando a combinação necessária entre o sonho e a vida. Celebro em voz alta esta decifração que evoca dedicação para a conquista.

O PÃO E O DIABO

Decido, por fim, comportar-me como todos: evito contrariedades, finjo aceitações, aturo os inconvenientes, amasso o pão junto com o diabo, tudo para não perder o efêmero contentamento, servido para a ocasião. No fim, recolho as velas aparentando estar livre das contrariedades, livre de esforços, saindo fiel como me propus, sem alterar os ânimos, cordial na despedida, tendo a vida como uma companheira que aceitou estender minha permanência e descobrir tudo o que poderei fazer na minha duração limitada.



HAVENDO SONHOS

Estou saindo demasiadamente rápido, quase nem entrei. Assisto à vida entrar e sair com a magnífica urgência com que se transforma o tempo. Tenho feito um trato com o futuro para que ele não se intrometa no presente, limito as ameaças. Não sei representar farsas. Finjo calma, mas falta-me uma paz.

A DOR DA SAUDADE

Seja pela ausência ou pelo desapego, a reclusão que se segue aos lutos se enlaça com outros menosprezos, fomentando uma corrente de vazios, construindo depressões e outras crises depredadoras que avançam de maneira irresistível até uma dor inominada. Um desanimo crescente avança peito adentro, tirando todas as vontades, toma de emboscada a manhã seguinte e silencia todos os interesses, promovendo a desistência.



BUSCO

Enquanto quando se japermitido dizer, buscarei quem me escute. Irei procurar a venerada lealdade para amenizar a surpresa de uma vida com inutilidades estimuladas.

CARGAS

Busco ter um coração generoso que ofereça à partilha aquilo que é o melhor de mim. Possuidor de mil razões que justifiquem a correção das injustiças, enfrento as injúrias sem temer a vergonha. Dar o principal de mim me interrompe. Amenizadas as cargas me ponho contra o que me convidam a fugir da própria consciência.



FIDELIDADE DA FORTUNA

Pobre fico quando confio na fidelidade da Fortuna. Diante dela a alegria disfarça o enigma, é maior a explicação que a coerência. Quando entro triunfante na sua companhia, saio triste.

ENCONTRAR A DIFERENÇA

Busco desvendar uma incógnita já que ganho a vida perguntando, me entretenho no jogo das descobertas, deixo meu testemunho de que me aprovo na contradição daquele que se encontra se perdendo, aprendo ensinando. Se tenho na paz a tranquilidade desejada, tenho que aceitar que me realizo na obstinação, quando determinado a buscar, me atrevo a sair da semelhança para encontrar a diferença.



DOS MILAGRES

Inclinado a triunfar na solidão, descanso um cansaço não vivido. O amor esconde agonias, oculta fracassos, dá cabo dos milagres.

ASTUTOS TROFÉUS

Fico perplexo quando o amor se vale do movimento dos anjos e flui alimentando a alma satisfeita em atenções. Nesse enredo de cortesias, entro motivado com naturalidade e acabo feliz. Amado, deliro: nego as desgraças, alivio os medos, penas, afasto crônicos lamentos. Ainda assim, sei que o amor oscila. Validando seus prólogos, ele se mistura à imprudência, aos desabafos, frequenta as burlas e as camas. Castiga ao desnudar a paixão, deixando só pele e osso naquele que nele investe coisas de curto prazo esperando grandes lucros.



DOÇURA

Enquanto ponho o sossego a prêmio, não lembro que as notícias possam trazer meu fim, deixo-me enganar. Mas, precavido, me impeço o excesso de suspiros, faço entre sonhos descobertas para diminuir a velocidade com que a doçura me enfeitiça.

A DOR SEM LIMITES

Ainda que amadurecidos, não fico livre do rigor das decisões. O pretexto movimenta o corpo e a alma dando a entender lições que a natureza joga nessas correntes. Como inventores desse jogo, valido os acordos para ajustar o exagero e a tolerância, a decência e a opção, o desafogo e a desgraça.



RECONHECER O FIM

Reconhecer o fim exige toda a energia que sobra. Perder leva consigo muitas decepções, ainda que se invente que se possa buscar a outro ou de outro modo, de nada vale o consolo inventado prometendo paz na hora da morte. Muitos, sem ter como deter a agonia, desaparecem na confusão sem saber como sair dela. Como seguir vivo?

ATÉ O FIM

Quando se inaugura o amor, ele parece saber o lugar da ressonância, fica extensivo, afasta suspeitas, estimula encantos, suspeita-se que ali há um tesouro. Ficamos rendidos sem ideia do risco, celebrando a novidade, querendo transformá-lo em algo acessível, diário e perene. O amor nos deixa gananciosos, inventa proteções que sugerem um lugar sem perigos. Manifesta impunidade, servindo a todos indiscriminadamente, prega uma segurança falível. Dá a entender que nele não há prejuízo e que todas as contas serão automaticamente pagas em dia. Não se percebe o fracasso até o fim.



NA VIDA

Sinto uma necessidade antiga como se fosse nova, me renovo com antigas e alheias competências como se fossem próprias. Na vida com pressa que me rodeia, machuca, aparadas as arestas forradas de silêncios, me socorro escondendo-me até banalizar tudo isso que sinto na vida que invento.

O OFICIO DA POSTERIDADE

A esperança tem mais um endereço. Guardo um segredo, ela se esconde nas celebrações.



FINGE ACEITAR

Combatidos os preços, guardados os valores, surge a lealdade até dizer-se a algum amigo que se está seguro de haver descoberto algo incomum.

Tantas decepções deixam pouca alegria, faço bater em retirada minhas agonias. Esse negócio de se perder e se encontrar nos afugenta da origem, condenando-me a romper os tratos que todo humano forçado finge aceitar.

AGONIA

Até onde eu consiga, não farei de meu próximo momento um tempo perdido. Serei seletivo, combinarei doces palavras com doces ouvidos. Investigando novas paciências, inventarei diálogos que somem, que avancem sem medo em direção às novidades recém-inventadas como o pão de cada dia.



FELIZ MEMÓRIA

Pondo-me no meu devido lugar se esvai o ímpeto que me conduz de volta a eternizar o silêncio como uma tentativa de solução. Guardo na mudez a incessante vontade de viver, finjo subverter o tempo. Evidenciando uma evasiva impaciência, a agonia esgota a prudência, fazendo com que eu me exceda em cada última manifestação. Sabendo do acanhado tempo que me resta, fico cada vez mais excelente, mais insuficiente, mais mesquinho. Concentro na brevidade do tempo a exaustão de um prazer muito desejado, nele concentro toda a energia. Exonero os interesses efêmeros para ensaiar e experimentar os favores da vida.

FUTUROS INCONCLUSOS

Fica adverso confessar em público que sou um sonhador convicto. Não posso reduzir a minha vida a pesadelos incontroláveis, insônias doidas, noites mal dormidas, dias mal vividos. Quanto à manutenção dos sonhos, são mais difíceis de manter nesses dias de recessão amorosa.



COISAS QUE ME FALTAM

Quero falar das coisas que me faltam. Antes, porém, declaro consciência da fragilidade que isso constitui. Ficarei sem proteção depois do que aqui declarar. Me falta paciência, calma para suportar a dor que a injustiça me provoca. Me falta deixar que as coisas aconteçam sem senti-las na minha pele como se fossem minhas, essas dores dos outros. Falta-me humildade para aceitar que o mundo gira fora do meu alcance, não bastando minha consciência para modificá-lo de acordo com a minha visão. Me falta poder para dar

de comer a quem sofre a crônica fome, benevolência com àquele que sofre a dor urgente. Faltam-me braços para cuidar do anônimo expropriado dos seus direitos. Me falta aprender a esquecer, perdoar, superar, ficar indiferente ao comentário que não mereço, tanto ao que me enaltece sem méritos como aquele que me ofende injustamente. Me falta estender minha vida para ter mais tempo de dizer tudo o que quero, fazer o que ainda não fiz, corrigir-me, atualizar-me, ler todos os livros que comprei e ainda não li. Me falta resgatar os amigos deixados pelo caminho e voltar ao lugar onde nasci para rever tudo o que ali deixei. Me falta fazer os exercícios que abandonei junto com um menisco rompido e uma aposentadoria precoce naquele futebol que nunca aprendi a jogar. Falta-me fazer uma dieta que me dê mais comodidade para sentar. Falta-me uma fome menos selvagem e menos admiração pelo passado. Me falta um pouco mais de ambição e muito de coragem para viver 126 anos, como minha bisavó. Falta-me o voo coordenado. Me falta fôlego para correr um dia inteiro atrás de uma bola de meia. Me falta corrigir o relógio, me falta abundância de amores sem exigências, me falta negociar com o ódio para que ele não seja tanto. Me falta aprender a dizer tudo o que anotei, observei e calei.

SEM ABRIGO

Quando não me abrigue mais a matéria, nada mais serei. Reconheço-me nesse corpo que me contém, a casca e raiz, meu colchão e minha mola. A vida não se importa com minha surpresa, com o que eu sinta nem quanto tempo dure. O equilíbrio que abandona devagar, tira forças, um pouco mais de cada vez chega.



SEMPRE QUE POSSÍVEL

Mutável, meu corpo me prova a inevitável involução. Minha alma insiste em acompanhá-lo. Finalmente, a universalidade se entrega às soluções caseiras, onde eu cuido de mim mesmo. Esse corpo que se encaminha à privação estima um trajeto previsto sempre que possível.

SEM PRECEDENTE

Nenhum precedente me recomenda a fé sem sentido, tampouco concebo um deus à minha imagem e semelhança. O oco que provoca a ideia da descontinuidade da vida desorganiza a razão e a prudência, justificando todos os motivos para os delírios alimentados pela imaginação. Como não tenho privilégios, como permaneço protagonista secundário, não me atrevo a pretender outro destino que não seja aquele que é o de todos. Encaminho-me para as últimas formas da matéria. Resulta-me clara a sua brevidade.



MEUS SONHOS

Meus sonhos, alguns devorados pela cabeça baixa, foram a pique, diluídos em uma explosão sem propósito.

PRECIPITAÇÃO

De que valeria resgatar meu espanto medo nessa infundável solidão? Etimo que talvez devesse seguir contemplativo. Não vejo inconveniente em restringir-me. Considero impróprio declarar qualquer sentimento em vão. Seria como procurar juízos subtraindo o que me precipita. Encontrarei algum ar que me convenha?



PRINCIPIO DE TOLERANCIA

Se me esgota o princípio da tolerância quando por razões externas a mim, ofendem a minha capacidade de sonhar.

EVIDÊNCIAS

Certas evidências revelam que algumas partes são inegavelmente minhas e se referem ao que tenho de melhor e de pior. Pouco a pouco tive em conta que ambas exaltavam afetos extremos, que forçosamente saem sem controle.



ENTRE TODOS

Para viver entre todos, finjo que não vejo os que me odeiam, os que me desprezam, os que por inveja se opõem.

COM QUEM DIALOGO

Aponto, para terminar, algumas ocasiões em que me habituei a fazer-me de bobo com uma consciência total da má intenção que se me apresentava com um sorriso, com um abraço, com um aperto de mãos que fundavam desencontros.



VOCAÇÃO PARA O RESGATE

Quando desligo-me da rotina, uma resposta descontrolada sobre o tempo me invade. Perco o sentido de como lidar com as ameaças, com todos os desafios. Em que lugares andarão os meus sonhos? Quando me distraio, eles se me escapam.

FORA DE MIM

Há tanto tempo fora de mim, meus sonhos tinham vontade de me acompanhar. Não os convidei; todavia, deixei-os ali, distraídos que estavam, sem vocação para o resgate. Não acostumado a manejar esses “personagens” que me construíram, tenho por objetivo me encontrar.



REALIDADE OU FICÇÃO

Ao longo da vida, mostrei que seria capaz de fazer de tudo um pouco, principalmente música e poesia, daí essa vontade de um acompanhamento para o que fizesse. Chego a esquecer todas as promessas, tampouco farei disto mais uma queixa para minha coleção de denúncias e decepções. Sigo tentando ser ainda feliz. Às vezes em um ritmo mais lento. Discreto, quase não falo nada, mas quando falo, é com a palavra no papel.

PASTORANDO IDEIAS

Pastorando ideias, me meto entre as plantas, me abasteço com o canto dos pássaros que rareiam, abrigo minha esperança para que ela não morra de frio. Minha natureza busca silêncio, mudou-se há muito do lugar onde nasci.

Enquanto a morte, mandatária de todos os fins, não chega, por tudo a que nessa vida assisti, de bom e de ruim, não posso deixar de reiterar que neste mundo ninguém sabe mais o que é real ou ficção.



MONÓLOGOS E ACORDOS

Estou pensando em chegar de mansinho, fazer uma surpresa, virar a página. Aceitar um armistício com a minha consciência. Uma ou outra vez fingir que não é comigo. Ter mais paciência, criar menos confusão.

Algumas vulgaridades minhas deixaram de ser acessórias para instalar-se como principais.

Afinal, o que é que eu vim fazer aqui? Vim para realizar um sonho e acabei vazio por má administração. Também não posso falar tão mal de mim, tive forças para lutar sozinho, chorar desacompanhado, sofrer dúvida dos outros, aprendi a me valorizar. Tirando leite de pedra cheguei a novas invenções. Aqui estou, reinventando-me todos os dias, interessado na novidade, perplexo com a velocidade do tempo e um pouco desconcertado com algumas desapropriações.



EMBOSCADO NO TEMPO

Surpreso e precavido, chego com um ar de quem não sabe onde está. Não me localizo, o desconforto me atinge por inteiro; com a alma chacoalhada de tanta trombada, não sei quem é quem, quem distribui ou quem recolhe. Claro que todos sabem que me refiro à solidão que tanto oferece ajuda quanto se nega a prestar auxílio. Nela me resguardo quando tenho a dignidade ofendida, nela me abrigo quando decepcionado. Situada

na fronteira da melancolia, ela é uma sentinela que seletivamente escolhe quem entra e quem sai da minha vida. Fingindo interesse, ela ouve todas as conversas, prevê as intenções, sabe ver as coisas como elas são. Aceita consulta quando me encontro frente às dúvidas, mas finge não me conhecer quando lhe convém.



SOBE E DESCE

Antes, brincava com a imaginação, agora me consolo seriamente com a realidade, tento acostumar-me a brincar, imaginando, realizando os impossíveis. Emboscado pelo tempo, receio que algum desaparecimento súbito não me deixe cumprir a vasta agenda organizada. O tempo que corre precipitadamente não para, enquanto o humor sobe e desce de acordo com as decepções vividas.

TODOS OS MEUS POEMAS

Todos os meus poemas desaproveitados se reúnem em protesto pelo descaso com que os tratei. Eram retratos, meus perfis desconsiderados, minhas ultrapassadas fantasias, meus sonhos defasados. Retomo-os para que me façam companhia, que me recordem daquele que fui e esqueci. Ainda é cedo para voltar e dar à luz essas palavras que escorreram como sangue, tão íntimas, todas reconhecidas como antigas companheiras, figuras que magicamente não envelheceram, passagens perpetuadas que olho com um olhar que não me obedece mais mas que carrega com devoção tantas imagens quantas caibam na memória. Curioso ver como são as coisas, a muitos sobrevivi. O que pode parecer infidelidade, não o foi- segui sendo amigo dos meus amigos de infância, nunca os esqueci.

MINHA TRANQUILIDADE

Ocupei um tempo precioso em buscar tranquilidade, buscava-a aonde fosse, chamava por ela, envie-lhe recados, exerci o direito de invadir privacidades tentando encontrar essa preciosidade. Conferi nas bibliotecas, nos altares, na cama, na mesa, tentei vê-la depositada em algum olhar, numa casa, na avareza, na soberba, no dinheiro, no luxo, no lixo, e... nada de encontrá-la.



PRESSA

Se aceitasse viver sem a tranquilidade, ficaria exposto às ameaças, às urgências, às cobranças. Peno e suporte a paz que a tranquilidade traz. Duradoura angústia que me faz sair do lugar me provoca e me devora lentamente como fogo temperado a marcar datas e atijar minha pressa.

PERDI OS LUGARES

Sentei-me diante de mim, convoquei minha paciência curioso para saber por que ela havia abandonado o tempo da espera, por que ela havia me alterado tão fortemente. Ela então me disse que eu havia mudado tanto minhas feições, que não me havia reconhecido, que meu rosto tinha perdido a frescura, e o sorriso desaparecido. Perdi-os do lugar onde sempre estiveram: dentro de mim.



BURLAR OS AFETOS

Escrevo-te trapaceando. Não quero divulgar meu sonho nem meu medo. Olho mais longe, mais além de um desejo de estar atento a tudo o que me espera na vida. Levarei os olhos atentos, mantendo a calma, procurando acreditar no próximo, ainda que muitas tramas busquem burlar os afetos.

ATITUDE INTERIOR

Condenado a tudo perceber, sei que em algum lugar devo ter perdido o que reclamo. Uma falta que só posso revelar quando me ouçam. Falo de uma atitude interior, um desconsolo, uma não-aceitação que está fora do meu alcance e de todos; um sentimento que há em mim que se rebela.



PERMUTAS

Propus ao dia uma permuta: ele ficaria com meu silêncio, minha solidão, e em troca me daria sua luz, sua paz acompanhada. Amanheço mais um dia desembocando no caminho que me faz propor mais uma permuta: que ele suprima minha dúvida e, em troca, darei como retorno minha persistência.

Hoje, como se nada houvesse se passado, instala-se em mim um sentido de haver ganho terreno perdido na véspera.

Adio ao dia seguinte minha revolta, calo minha

indignação, tento me refugiar, me ocultar nas mesmas palavras que me denunciam. Agrego que em mim existe um convite à cegueira, querendo persuadir-me que diante de tanto abandono de nada vale minha esperança.



CONFLUÊNCIAS

Desacostumado ao reconhecimento, pus-me a tentar alcançar sentido para o mérito de amar, tratando de saber qual é o valor da beleza, do gesto, poder dizer que essa beleza não é só estética, que não surge do nada, que alcança ter outras caras, que pode ser um valor maior ou menor, dependendo da inclusão.

Estou ciente de que amar é uma tarefa complexa, que implica reconhecimento para além das aparências.

Essa forma de amor não se aquieta no esquecimento, não conhece o silêncio, não se encaixa em nenhuma lógica, simpatiza com o gozo, põe em relevo o real, alimenta os sonhos e as fantasias, compreende tanto as dores como os prazeres.

BUSCAREI

E quando seja permitido dizer, buscarei quem me escute. Haverá alguma outra coisa que eu deseje mais do ser lido por alguém?

Ensinarei tolerância ao medo, a quem o tema, inventarei uma calma que convide a prudência a ficar abraçada à serenidade até que a vigília faça valer-se tanto, que tudo pare até que chegue suave e importante como um sonho. Limitada a extensão dos vícios não se desperdiçarei a próxima hora, não fugirei; comprarei o pão, tomarei o café.



INCONCLUSOS

Morrerei inconclusos com a vida, sempre me faltará algo. Faço uma extensão para que a vida não se desprenda assim sem maiores motivos. Quero livrar-me do incessante convite ao descanso eterno que me ronda com uma assídua presença, quero um forte abraço

selará uma proteção tão verdadeira quanto o ar que respiro, que me embarquem em águas tranquilas com todas as vantagens do amor que me abriga e propaga, o que acostuma ao melhor, ao sal da vida.



LEMBRANÇAS

O que me alcança perceber é que uma torrente que não posso ignorar, descendo memória abaixo e subindo peito acima alaga, sem consolo, o tempo perdido. Sem epilogar, toda a aventura de viver não cabe em nenhuma descrição; compensa, mas não autentica; acerta o verbo, mas erra o adjetivo; levanta a fronte e baixa os olhos. Quando ergue-se a memória, a paz não escolhida se interrompe. A vontade, acima de tudo, comete erros que a prudência não tolera.

Erguidas as imagens, transformadas em lembranças entusiasmadas, dou-me o dever de viver e reviver.

ENTRE DORES E PRAZERES

Muitas são as vezes em que escrevo para mudar aquilo com que não estou de acordo.

Parece que escolher entre a abundância e a escassez equivale à falta e à presença. Por efeito de uma emoção incerta, cauteloso, descubro que todos os clamores são urgentes, todas as dores permanentes. Enquanto as feridas não se tornam cicatrizes, a memória castiga.



NAS ESPERAS

Perplexo, vi-me surpreso na despedida. Velarei esse acabado amor, esvaziado, com o coração que arde de ausência. Na espera de um retorno fracassado, os sonhos ficam tingidos de cinza e as penas impregnam visceralmente uma tristeza que faz uma homenagem à perda.

Roberto Curi Hallal

